

UNIVERSIDADE DO ESTADO DO AMAZONAS-UEA
CENTRO DE ESTUDOS SUPERIORES DE PARINTINS-CESP
CURSO DE LICENCIATURA EM LETRAS

AS CONTRADIÇÕES EM CATULO

ELY RAIMUNDA BARROS EVANGELISTA

ORIENTADOR DOUTOR WEBERSON FERNANDES GRIZOSTE

Parintins-Am
2021

ELY RAIMUNDA BARROS EVANGELISTA

AS CONTRADIÇÕES EM CATULO

Trabalho de Conclusão de Curso – TCC
apresentado como exigência parcial para
obtenção do grau de licenciado em
Letras pela Universidade do Estado do
Amazonas.

Aprovado em: ____/____/____

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Weberson Fernandes Grizoste (UEA)

(Orientador)

Profª. Dra. Gleidys Meyre da Silva Maia (UEA)

(Examinador Interno)

Profª. Esp. Elimary Picanço Picanço

(Examinador Externo)

AGRADECIMENTOS

Primeiramente, as forças superiores que me regem desde o início desta caminhada. Agradeço formidavelmente todos aqueles que direta ou indiretamente contribuíram para minha formação.

Especialmente aos meus professores da graduação, tenho absoluta convicção que além de sair da universidade com o Título de Professora, saio com valores morais bem maiores, vocês me ensinaram bem mais do que podem imaginar. Obrigada por fazerem parte da minha Formação enquanto cidadã. Levo vocês e seus ensinamentos pra vida.

Quero agradecer também aos meus colegas de turma por toda paciência e companheirismo, em especial a Júlia Xavier, por me ouvir nos meus momentos de aflição e acreditar em mim, Rebeca Pantoja, por todo incentivo e leitura dos meus textos, Vitor Sousa por ser um amigo companheiro, Andreila de Souza por não me deixar desistir, Dayana Leão e Regiane Cunha, por serem meus ouvidos e minha companhia nessa fase final. Vocês são um presente que eu ganhei neste curso e carrego o companheirismo de vocês comigo.

Ao professor Weberson Grizoste, meu orientador, quero agradecer e também o engrandecer como um grande professor e ser humano. Ao longo do curso todas as vezes que sentei pra conversar sempre saí com pensamento diferente, foi sempre um ensinamento repassado, mesmo que fosse por meio de uma conversa informal. Obrigada por toda paciência ao longo dessa fase como sua orientanda e aluna, por me ensinar a amar Literatura Clássica, levarei tudo isso à minha vida toda.

À minha família pela compreensão por todos momentos em que eu estive ausente, isso tudo é por vocês e para vocês.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	7
LÉSBIA: A PERSONIFICAÇÃO DO AMOR PROIBIDO DE CATULO.....	8
AS CONTRADIÇÕES	10
A ESCRAVIDÃO DO POETA.....	17
CONSIDERAÇÕES FINAIS	19
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	21

RESUMO

A contradição é um dos pontos mais notáveis na construção das poesias catulianas, podendo ser visível principalmente nos momentos em que são revelados os sentimentos do amante em relação a musa. As composições, são cantadas de forma refinada e construídas a partir de sua paixão amorosa, seus anseios e perturbações, afinal, é a partir da centralidade de sua paixão que Catulo mostra o que ansiava em sua vida e poesia. Contudo, ao não ter retornos para aquilo que cantava, surgem as excitações, fazendo com que as poesias sejam fortemente marcadas pelo paradoxo quando se falava em sua musa. Em prática, ele é o primeiro poeta latino a atrelar fortemente a poesia à vida. Este estudo aborda as contradições existentes nas poesias de Catulo, contradições essas que podem ser observadas principalmente em um conjunto de poemas dedicados à pessoa que detinha seus mais sinceros sentimentos, a qual por não ser fiel lhe causou fortes inquietações. A metodologia é bibliográfica e a análise se constitui em três capítulos. No primeiro capítulo busca-se através de estudos discutir sobre a figura de Lésbia, enquanto nos outros dois ocorre uma sucinta análise dos carmes catulianos tendo como principal objetivo assinalar as contradições, sejam através do uso de aliterações, antíteses e até mesmo de suas confusões sentimentais, bem como um breve estudo acerca da escravidão do poeta.

Palavras-chave: Catulo, Contradições, Amor, Poesia, Lésbia.

RESUMEN

La contradicción es uno de los puntos más notables en la construcción de las poesías catuliana, y puede ser visible especialmente en los momentos en que se revelan los sentimientos del amante en relación con la musa. Las composiciones son cantadas de forma refinada y construidas a partir de su pasión amorosa, de sus anhelos y permutas, al fin y al cabo, es a partir de la centralidad de su pasión que Catulo muestra lo que anhelaba en su vida y en su poesía. Sin embargo, al no tener rendimientos por lo que cantaba, surgen excitaciones, haciendo que los poemas estén fuertemente marcados por la paradoja al hablar de la musa. En la práctica, es el primer poeta latino que vincula fuertemente la poesía a la vida. Este estudio aborda las contradicciones existentes en la poesía de Catulo, contradicciones que se observan principalmente en un conjunto de poemas dedicados a la persona que guardaba sus sentimientos más sinceros, que al no serle fieles le causaban una fuerte inquietud. La metodología es bibliográfica y el análisis se constituye en tres capítulos. En el primer capítulo se busca a través de estudios discutir sobre la figura de Lesbia, mientras que en el otro capítulo se produce un sucinta análisis de los carmes catulianos teniendo como principal objetivo señalar las contradicciones, ya sea mediante alteraciones, antítesis e incluso de sus confusiones sentimentales, así como un breve estudio sobre la esclavitud del poeta cuando se hablaba en el amor.

Palabras clave: Catulo, Contradicciones, Amor, Poesía, Lesbia

INTRODUÇÃO

Catulo, é um dos poetas clássicos que preenche suas composições com várias facetas de uma mesma emoção, pois, quando o mesmo canta o amor, canta também o amor erótico, o espiritual, e até mesmo o platônico. Essa intensidade de sentimentos, se repete quando o mesmo retrata a mulher amada. É autenticidade da paixão que movimenta sua história, a qual é verdadeiramente sentida e expressada com grande pureza e beleza. Ao se deixar enlaçar por uma mulher chamada Clódia, cujo pseudônimo poético é Lésbia, se torna um homem perdido em seus próprios sentimentos, sabe que é enganado, e apesar de não querer, a despreza, o que parece ser uma das sensações mais desagradáveis sentidas pelo poeta. O que caracteriza Catulo é a sua persistência por essa paixão avassaladora, que faz com que surja uma das principais características dos carmes catulianos, a contradição. É a esse fascínio e entrega por Lésbia, o qual já sabia que era infiel e frívola, que Catulo canta em seus poemas.

A contradição surge quando ao inferir poemas para sua amante, o poeta nos deixar claro que já não existe uma solidez naquilo que outrora era firme, tornando-se assim algo conturbador, pois não havia entrega da mulher amada, mesmo assim em alguns momentos ele estava disposto a sofrer as consequências. Apesar da obra catuliana não apresentar uma ordem cronológica, os poemas são fundamentalmente intimistas, uma vez que falam dos sentimentos do poeta, bem como suas frustrações, seu ódio e decepções. É uma poesia inconstante e cheia de dramaticidade, ora é alegre, clara e entusiasmada, ora é cheia de desespero, acusações e tormentos.

As contradições aparecem nos Carmes de composições breves, onde são usados argumentos ínfimos, frívolos e algumas vezes delicados, fazendo uso de uma sensibilidade íntima, intensa e profunda, é a poesia como modo de vida. Uma vez que Catulo fez parte dos poetas *neotéricos* cujos escreviam na forma da estética alexandrina.

Seguiremos a partir de agora uma determinada ordem dos Carmes catuliano para que possamos mostrar as contradições existentes e que acreditamos ser pertinentes. Desta forma nos basearemos nas análises dos poemas do “Livro de Catulo” com a tradução de João Ângelo Oliva Neto, bem como em “Odeio e amo” com a tradução de José Ribeiro Ferreira e “O Cancioneiro de Lésbia” com a tradução de Paulo Sérgio Vasconcelos.

LÉSBIA: A PERSONIFICAÇÃO DO AMOR PROIBIDO DE CATULO

Na antiguidade, mais precisamente em Roma, era comum ver a nova geração de poetas, em suas elegias e carmes, cantarem as mais diversas formas de sentimento da humanidade, tais como o amor, a traição, o cotidiano entre outros. Paixão Neto (1995, pg. 9) afirma:

O século I a.C. é o século de ouro da Literatura Latina. Surge uma plêiade de autores que passam a rivalizar com os próprios gregos, e até, em alguns casos e gêneros literários, superando-os. É a plena Literatura Latina. Lucrécio, por exemplo, é um entusiasta de Epicuro: prega a busca do prazer individual, negando a existência dos deuses e ensinando que as coisas têm explicações puramente material.

Neste cenário, Caio Valério Catulo, foi um dos mais influentes *noui poetae*¹ desse período clássico da história. Ao lermos suas poesias podemos constatar que elas têm como eixo temático os seus amores e ainda retratam a aversão que o poeta tinha em relação a poesia clássica. Catulo foi rapidamente criticado por outros pensadores ao se familiarizar com esses novos poetas e intelectuais da época. Dentre eles, frisamos aqui Cícero (106 – 43 a.C.), um intelectual da época que teceu críticas ao estilo poético de Catulo.

Estudos afirmam que havia uma certa rivalidade entre os poetas. Catulo por sua vez, escreveu um poema ironizando o discurso feito por Cícero em relação ao seu estilo literário; pois ambos tinham o mesmo amor por Lésbia, que teria possivelmente terminado qualquer vínculo com Cícero e supostamente Catulo teria ficado com o caminho livre para amá-la, assim como é visto em Rebelo (2003, s.p.):

Em Roma, Catulo se ligou a um círculo de poetas de ideais estéticos comuns. Cícero, no entanto, não se simpatizava com esta escola literária e a chamava de *poetae noui*, dando a esta expressão um certo matiz pejorativo. Catulo, respondendo a este insulto, escreve os poemas 44 e 49, agradecendo a Cícero o fato de ter lhe deixado o lugar livre para amar Lésbia, suposta amante do orador.

Neste contexto de intriga entre os dois pensadores, damos início as discussões acerca da figura poética Lésbia, que é a musa inspiradora dos carmes escritos por Catulo. O poeta aborda em seus versos o amor que sentia por Lésbia em todas as suas vertentes, as conquistas e até mesmo as suas derrotas amorosas. Nos poemas podemos notar os

¹ Denominação que recebia o grupo de novos poetas da antiguidade com uma estética de poesia que visavam a renovação da poesia romana, na qual pertencia Catulo.

desejos ardentes, as suas rejeições e frustrações do eu-poético para com a sua musa, mas afinal quem era Lésbia?

Estudos afirmam que Lésbia seria um pseudônimo adotado por Catulo para denominar, e assim ocultar sua verdadeira amada, para que a mesma não tivesse sua vida pessoal exposta na sociedade. Ao inferir seus poemas Catulo nos dar entender que Lésbia era o Codinome de Clódia, irmã de Clódio, o qual foi inimigo mortal de Cícero, que por sua vez pode ter sido um dos amantes de Lésbia. Gomes (2010, pg. 942) afirma que “a personagem de Catulo, Lésbia (Clódia), foi mulher de Quinto Mtdo Celer, filha de Ápio Cláudio Pulcher”.

Com isso, podemos deduzir que, Lésbia foi um pseudônimo utilizado por Catulo para denominar Clódia, pois esta seria mulher de um político importante da época que se envolvia romanticamente com outros rapazes, não somente com o poeta, fazendo com que Catulo usar se um pseudônimo para que ele não expulse a vida de sua amada.

Lésbia é vista como mulher que não era fiel, nem ao marido e nem aos próprios amantes, é o que diz o *Carmen* 11.13. Catulo retrata esse amor perigoso que vivia com Lésbia em seus Carmes e ainda, mostra o desprezo que Lésbia teve com ele, mas o mesmo ainda assim continuava apaixonado por ela. Isso é uma característica do autor, que mostrava o amor, os perigos e as traições.

Neto diz que “a tradição afirma que com ela Catulo manteve relações, perigosas” (OLIVA NETO, 1996, pg. 38). As relações perigosas, aqui abordadas, se dão devido a Clódia já ser casada, e esta tinha vários amantes e amores. O poeta se mostra apaixonado por Lésbia e mostra um pouco das faces de sua amada.

Esta tese de que Lésbia seria um nome falso dado pelo poeta é sustentado, ainda, nos versos de Ovídio, um grande poeta elegíaco romano, que cita em sua poesia a seguinte frase *Femina cui falsum Lesbia nome erat* (a mulher cujo pseudônimo era Lésbia), afirmando que Lésbia seria um nome falso, pois os versos de Catulo seguiam, muita das vezes, algumas das características a estética da poetiza Safo, e está seria uma fonte de inspiração do poeta, na época.

Nunes (2002, pg. 1) corrobora com essa ideia afirmando que:

Era comum à época do latino Catulo que os modelos a serem imitados fossem os gregos, o que não parece natural é que um poeta pudesse imitar um raro exemplar feminino. Mais interessante ainda é o fato de que a poeta imitada era Safo, mulher que fugia aos padrões de uma sociedade patriarcal de “poetisas educadoras”.

Safo (século VI a. C.), é uma grande poetiza de sua época, embora seus versos poucos chegaram nos dias de hoje na íntegra e segundo Nunes (2002, pg. 1) “em muitos casos, a via de chegada das mulheres de Lesbos é por meio dos poemas de Catulo”. Catulo foi o responsável de trazer em seus versos as mulheres de Lesbos.

Citar Safo aqui se faz importante, devido ela ser uma poetisa grega que além da poesia lírica, escrevia poesia elegíaca e iâmbica. Compete a Safo um dos méritos de conferir a mulher um determinado papel de proeminência na poesia, pois ela eleva em sua escrita a construção de uma estética literária propriamente feminina, pois vinha de um ambiente onde havia predominância de construções e visões masculinas, revolucionava e reformula o ambiente da mulher. Dessa forma quando Lésbia surge em Catulo, é por que ele:

Sentia o amor com o mesmo abandono de Safo, quis transformar o nome da sua amada numa forma que fizesse recordar a poetisa de Lesbos e, ao mesmo tempo, a proverbial beleza das mulheres lésbias (PARATORE, 1983, pg. 324).

Dado essas considerações nos fica bastante perceptível o quanto Safo influenciava nos poemas catulianos, desde a sua estética, inspirações e, até mesmo, no próprio nome da sua musa inspiradora Lésbia, que advém do nome da ilha de Lesbos.

Clódia, foi a grande musa inspiradora e aparecia em muitos dos poemas românticos de Catulo. Com ela, o poeta viveu uma mistura de amor e ódio, no qual amava e ao mesmo tempo odiava, pois ela não era somente dele.

AS CONTRADIÇÕES

Quando falamos sobre as expressões de amor e ódio em Catulo, consideramos que é a partir disso que vemos as melhores poesias da antiguidade romana. É comum quando abordamos sua obra vemos a mesma como marco contextual de estudo, é uma história limpa do amor turbulento por Lésbia, cujas alternativas aparecem refletidas nos poemas com precisão sugestiva. Isso sem dúvida, não é um produto de uma simples leitura compreensiva, mas sim o fruto de um estudo mais ou menos particularizado da biografia crítica, que estabelece uma identidade a Clodia-Lésbia em sentido amplo.

A partir do momento em que o poeta se deixa envolver pela sedutora Lésbia é arrebatado poeticamente, a celebração desse amor é mostrada em versos singelos. No Carme 11, Catulo escreve para dois amigos Furio e Aurelio uma longa carta, não se pode

negar que a partir desse poema vemos uma história feita de momentos de êxtase, desprendimento, insultos e traições, pois o homem apaixonado escreve sobre as devassidões da mulher amada que tentou uma reconciliação, e confiou uma mensagem aos dois amigos de Catulo, o qual por sua vez devolve a mensagem, que na verdade é um adeus, pois despede-se de Lésbia, mas dá-nos uma das mais belas amostras de semelhança do amor que é traído. Sob o mesmo ponto de vista no Carme 51, Catulo exalta e compara Lésbia como uma deusa para no final premunir que será destruído por ele mesmo ao cantar o *Otium*, além de “revelar os sintomas físicos que manifesta ao ver Lésbia” (OLIVA NETO, 1996, pg. 39)

Catulo resgata o silêncio conflituoso da paixão, mostrando a desordem instaurada pelo desejo e, à semelhança de |Safo, expressa, de forma eloquente, a paradoxal incapacidade de falar diante da amada. (GRIMAL apud AZEVEDO, 2016, pg. 63)

Uma das principais características de Catulo é a antítese, e logo no Carme 5, dito por Oliva Neto em sua tradução como o Poema dos beijos há presença da contrariedade.

*Viuamos mea Lesbia, ataque amemus,
remoresque senum seueriorum
omnes unius aestimus assis!
Soles occidere et redire possunt:
nobis cum semel occidit breuis lux,
nox est perpetua una dormienda.
da mi basia mille, deinde centum,
dein mille altera, dein secunda centum,
deinde usque altera mille, deinde centum.
dein, cum milia multa fecerimus,
conturbabimus illa, ne sciamus,
aut ne quis malus inuidere possit,
cum tantum sciat esse basionrum.*

Gozemos, Lésbia minha, a vida e o amor.
O murmúrio dos anciãos, severos por demais,
tenhamos-lo na conta de um vintém apenas.
Morrem os raios do sol e podem nascer,
mas, para nós, quando se apaga a breve luz,
espera-nos o sono de uma noite eterna.
Dá-me mil beijos, em seguida um cento,
depois outros mil, depois outra vez cem.
mais outros mil ainda, ainda mais cem.
Depois... já completados muitos milhares,
misturemos tudo, para lhes perder a conta,
- ou nenhum malvado, possa sentir inveja,
ao saber que tantos foram os beijos entre nós.

É através do conceito das palavras que podemos observar ideias que se opõem como: *breuis x perpetua; lux x nox; uiuamos x occidere; conturbamimus x sciamus; unius x multa, millem centum*. O poeta usa como recurso estilístico o uso de repetições, mediante a aliteração, ou anáfora. No começo do poema Catulo faz uma apelação a sua amada “*Viuamos, mea Lesbia*” para celebrar o amor, cujo é cheio de desejos e de certa forma urgente, tal como acontece no Carme 7, o qual tem a mesma estilística.

O convite amoroso feito a Lésbia expressa de maneira significativa essa ideia de que eles devem se amar e não dar atenção ao que os outros dizem, pois a morte, que também em Homero aparece representada pela noite (*nox*), ao chegar lhes tira a possibilidade de desfrutarem desse amor (POLASTRI, MORAIS, ALVES, FAUSTINO, 2008, pg. 457).

No entanto, no Carmen 8 encontramos um poeta desanimado e amargurado, entende-se que Lésbia já o traia e que ele estava no começo de suas perturbações emocionais, queria de alguma forma expressar seu anseio em começar ou até mesmo dar nome a relação com sua amada, que porventura estava esgotada. Primeiramente Catulo escreve fazendo referência a ele mesmo para logo em seguida informar qual a consequência da reflexão que já havia feito:

*Miser Cattule, desinas ineptire,
Et quod uides perisese perditum ducas.
Fulsere quodan candidi tibi soles,
Cum uentitabas quo puella ducebat
Amata nobis quantum amabitur nulla.
Ibi illa multa tum iocosa fiebant,
Quae tu uolebas nec puella nolebat.
Fulsere uere candidi tibi soles.
Nunc iam illa non uolt; tu quoque, impotens, noli,
Ne c quae fugit sectare, nec miser uiue,
Sed obstinata mente perfer, obduera.
Vale, puella. Iam Catullus oburat,
Nec te requiret nec rogaberis nulla.
Scelestas, uae te; quae tibi mane tuita!
Quis nunc te adibit? cui uideberis bela?
Quem nunc amabis? Cui esse diceris?
Quem basiabis? Cui labella mordebis?
At tu, Catulle, destinatus obdura.*

Pobre Catulo, põe termo ao teu delírio
E o que vês desaparecer considera-o perdido
Outrora luminosos sóis brilharam para ti,
Quando ocorrias onde te chamava uma donzela,

amada por mim como nenhuma outra será.
Então faziam-se tantas coisas agradáveis
Que tu querias e a tua amada não deixava de querer.
Na verdade brilharam para ti luminosos sóis.
Agora já ela não quer. Não queiras tu também,
Nem busques quem foge, nem vivas amargurado;
Suportas antes de coração resoluto e sofre.
Adeus, donzela, Catulo já se tornou insensível
E não te procurará nem suplicará, se não te queres.
Mas tu vais lamentar, quando ninguém te procurar.
Ai de ti, minha celerada! Que vida te vai restar!
Quem vai se aproximar de ti? A quem parecer bela?
A quem amar agora? A quem dirás pertencer?
A quem beijarás? De quem morderás os lábios?
Mas tu, Catulo, resoluto, mantém-te insensível.

Neste poema, cuja versão traduzida por José Ribeiro Ferreira, percebe-se que há planos, cujos se alternam entre presente, passado e futuro, o poeta ao mesmo tempo que se abre para o presente, abrigar-se no passado e empurra-se para o futuro, mas acaba terminando sua fantasia no presente, há uma certa sucessão de argumentos racionais e cheios de memórias que se confundem com a mudança de “personalidade, em manifesto confronto entre a voz da razão e a voz da paixão” (ANDRÉ, 2005, pg. 49). André ainda pondera que é neste poema “o qual, pelas oposições que se vai, verso a verso, construindo, pode bem ajudar a compreender a feição paradoxal do célebre dístico *odi et amo* (Idem).

No Carmen 72 é um quê de amar versus amar, que para Catulo é mais um conflito ao qual foi forçado a se sujeito. Tudo se dá por conta de uma possível ofensa que Lésbia o havia cometido, como resultado o poeta é forçado a fazer a dissociação entre dois sentimentos: “*amar magis*” e “*sed bene vele minus*”, sendo que esses dois sentimentos não são etapas desiguais do amor, podem ser incluídos em ambos, mas ao mesmo tempo em opostos. Agora Catulo não mostra mais a singeleza ao cantar sobre seus sentimentos, pelo contrário, denota e expressa toda sua amargura, e acontece de se questionar no Carmen 72. 7-8

*qui potis, inquis? Quod amatem iniuria talis
cogit amare magis, sed bene uele minus.*

“Como pode ser”? – perguntas. Ao ama uma traição assim
constrange a amar mais e a bem-querer menos.

Questiona-se e reflete, pois é por causa das traições de sua amada que o levam, talvez, a ter uma paixão ainda mais forte, mas a amá-la menos. Acontece a contradição de sentimentos que é cada vez mais explorada pelo poeta, tendo em vista que a paixão

pode aumentar com as traições de Lésbia, porque o amor é baseado na irracionalidade, mas para amar é preciso ter confiança da pessoa que tanto estima e deseja, entretanto é impossível que tal fato aconteça, pois Catulo denota que já conhece a face de Lésbia e assim diz *multo mi tamem es uilior et leuior* (para mim, todavia, és muito mais vil e mais leviana) (Carme 72. 6). Afirma André que “a dilaceração que o atinge manifesta-se, de modo bem expressivo, na própria enunciação: coabitam-se, no seu íntimo, dois – o que ama com irracionalidade da paixão e o que, lucidamente, entende estar na hora de renunciar, de pôr fim a tudo” (ANDRÉ, 2005, pg. 47).

Logo em seguida, no Carme 76 uma luta interna inicia em Catulo, que é instaurada em face a tudo aquilo que poeta já vivera, a razão entra em contradição com a emoção. Apesar de ter esperança de que *multa parata manet tum in longa aetate, Catulle*, (muitas te estão te esperando agora reservadas, na tua longa vida, Catulo) (76.5), mas que se lamenta por não ter tido retribuição em seu amor e diz que Lésbia tem alma *ingratae*.
Questiona-se:

*Quare iam te cur amplius excrucies?
quin tu animo offirmas atque istinc teque reducis,
et dis inutis desinis esse miser?*

Então por que ainda te torturas por mais tempo?
Porque não mantém um coração firme e dali não te afastas?
E, com os deuses contra, por que continuas um desgraçado?

Ora, a desgraça, a aflição é a condição que o homem apaixonado sente e assim é atormentado, a razão é o caminho a ser seguido para melhor êxito, pois não se pode fazer mais nada além de desistir. Entretanto é *Difcile est longum súbito deponere amorem* (É difícil, mas é preciso que o faças, de qualquer modo) (76.13). André afirma que *súbito é ao mesmo tempo que uma objecção, uma porta aberta ao prosseguimento do duelo interior*” (ANDRÉ, 2005, pg. 47) No decorrer do poema vemos um poeta que vai declinando, ora tende a seguir a voz da razão, ora resiste, nem almeja mais aquilo que tanto desejava, a correspondência de seu amor. Termina sua súplica dizendo *ipse ualere opto et taetrum hunc deponere mormum* (por mim, desejo reaver a saúde e largar esta fustena doença) (76.25). Ao cantar o Carmen 92 vemos duas facetas: da idealização à demonização:

*Lesbia mi dicit sempre male nec tacet umquam
de me: Lesbia me dispeream nisi amat.
quo signo? Quia sunt totidem mea: deprecor illam
assidue, uerum dispeream nisi amo.*

Lésbia passa a vida a maldizer-me e não se cala nunca
a meu respeito. Eu morra, se Lésbia me não ama.
Qual prova? Comigo sucede o mesmo: cubro-a de maldições
a toda a hora, e eu morra, se não a amo

Ora, anteriormente vimos poemas em que Catulo e Lésbia alegravam-se embriagados em tantos beijos, porém, aqui, vemos a quebra desse ciclo. Lésbia o estilhaça, fazendo que Catulo passe totalmente para o lado do sofrimento que acarreta consigo a cólera e a maldição.

Catulo no Carme 104 faz um pequeno desabafo, tudo indica que Lésbia ouvira algo ao seu respeito, cujas palavras tenham sido proferidas pelo amante pois o mesmo tenta se defender fazendo uso de seus sentimentos para que a mulher amada acredite em sua palavra:

*Credis me potuisse meae maledicere uitae,
ambobus mihi quae carior est oculis?
non potui, nec, si possem, tam perditae amarem:
sed tu cum Tappone omnia monstra facis*

Tu crês que eu fosse capaz de falar mal da que é a minha vida,
que me é mais querida do que ambos os meus olhos?
Não fui capaz, se o fosse, não teria amado tão perdidamente.
Mas, tu como Tapão, tudo transformas em monstros.

Retomamos alguns carmes para mostrar a contradição deste carme focando principalmente no verso 1, *credis me potuisse meae maledicere uitae*. Primeiramente voltamos ao Carmen 11, onde Catulo ao escrever e fazer um pedido a Fúrio e a Aurélio, diz muito mais sobre seu ciúme e acaba por se desfazer de sua amante fazendo um desabafo nos versos 13-15:

*cum suis uiuat ualeatque moechis,
quos simul complexa tenet trecento,
nullum amans uere, sed identidem omnium
ilia rumpens*

Viva e seja feliz com seus amantes devassos,
Uns trezentos a quem ela abraça ao mesmo tempo.
Nenhum ama de verdade, mas de todos, amiúde,
viola as ilhargas.

Ao adotar a face do homem que deseja a felicidade da amante, o poeta vai contra tudo aquilo que sente, ou tenta pelo menos, podendo também estar com o ego ferido por ver a mulher desejada no colo de tantos amantes, e assim expõe de forma aberta a quão

infida ela era, mesmo a desejando uma vida feliz. Já no Carmen 72 Catulo profere: *Multo mi tamem es uilior et leuior* (És para mim muito mais desprezível e insignificante).

Embora fique em nossa imaginação o que poderia ter acontecido para o poeta pronunciar o poema 104, não se pode negar que outrora já havia pronunciado palavras que ofendem o caráter de sua amada e desta forma se contradiz ao entoar o Carmen 104, pois deixa transparecer de forma clara que desejava ser o único amante de sua musa. O Carmen 09 é mais uma prova da oscilação Catuliana *aerernum hoc sanctae foedus amicitiae* (ode-se entender que há uma querer de amizade pelo menos por parte do homem apaixonado, mesmo querendo que esse relacionamento se torna-se algo com uma base mais sólida, uma amizade sagrada, vemos um poeta que se move com facilidade, é inconstante e instável, o que outrora era a busca pelo amor correspondido, agora é o desespero de manter a amante por perto, mesmo que seja em outra condição).

Ao longo deste capítulo observamos algumas contradições existentes no poeta, entretanto nada nenhuma delas podem ser comparadas ao paradoxo de odiar e amar aquela que tanto mexeu com seus sentimentos. Encontramos no Carme 85, intitulado em sua tradução por José Ferreira como “Odeio e Amo” um dos mais belos carmes de Catulo acerca de suas contradições.

*Odi et amo. Quare id faciam, fortasse requiris.
Nescio, sed fieri sentio et excrucior.*

Odeio e amo. Talvez perguntes por que faço isso.
Não sei, mas sinto que acontece e me torturo.

Essa declaração do poeta faz sentido para toda sua obra, quando se trata da mulher que se deixou envolver. É a visão do que de mais paradoxo podemos encontrar no presente estudo. Neste ponto, como já o dissemos anteriormente, o poeta já não sabe explicar por qual razão tem tais sentimentos tão contraditórios.

Trata-se de sentimentos paradoxais de um poeta que ama e odeia e não sabe explicar as razões, nem como isso acontece. É um quê de indizível, que nem mesmo o poeta sabe dizer e resume num dístico. Ele apenas sabe que isso acontece dentro de si, então se tortura entre dois cálices opostos, (...) (EVANGELISTA, GRIZOSTE 2019, pg. 9).

São todas as aversões juntas em um só conflito que é explicitamente discorrido com absoluta lucidez. Não há nenhuma tentativa de explicação psicológica, é pura fenomenologia, pois não pode fazer mais nada e o único caminho é admitir, pois sabe que não tem resposta para isso, apenas sente o que está acontecendo e por isso se angustia.

Ainda que se empreenda uma leitura superficial destes dois versos singelos, é clara a presença de um forte conteúdo antitético em sua estruturação. De saída, detendo-se apenas no primeiro período (Odi et Amo), já é possível identificar uma das oposições mais antigas da literatura, reaproveitada por uma quantidade enorme de poemas de diversas tradições literárias anterior e posteriormente: a trágica contraposição de fronteiras confusas dos sentimentos de “amor” e “ódio”. (BRAVO, PIETROFORTE, 2015, pg. 98)

A ESCRAVIDÃO DO POETA

A tradição que existia na Antiguidade na forma de conceber poesia é transformada ao surgir uma nova geração de poetas, como já mencionado neste estudo. A partir desse surgimento as paixões não são mais escondidas, e sim demonstradas e confessadas ao público, a mulher ganha uma outra visão e expressão sob os olhares dos poetas, mas ao mesmo tempo é tornada frívola. É desta forma, a partir de Catulo, que se torna comum o uso de metáforas acerca do enamoramento como fogo excessivo do amor, que de certa forma o tornou escravo e dependente... Os *neoteroi* escrevem sobre o amor em diferentes formatos que iam:

Desde a serenidade (...), ao amor formal, próprio, nomeadamente, do contrato nupcial, até ao amor erótico, de expressão sexual, seja ele assente numa relação heterossexual (também raro), homossexual ou bissexual, para usarmos distinções do nosso tempo e que, na Antiguidade, não faziam qualquer sentido. (ANDRÉ, pág. 208, 2006)

Em Catulo, vemos o poeta apaixonado, que pensa e almeja que sua amada retribua seus sentimentos, entretanto quando descobre não haver lugar para ele no coração de Lésbia, nascem as dúvidas, ilusões, ciúme e até mesmo a inveja, que acabam transformando o amor em total tortura e escravidão pela sua amada, assim sua alma acaba sendo maltratada até o seu limite. Assim como observamos anteriormente, “Foi ele um dos poetas, dentre os antigos romanos, que associou o ato de estar apaixonado ao de ser, mesmo um, escravo, alienado” (EVANGELISTA, GRIZOSTE, 2018, pg. 8).

O amor não é uma experiência dualística, mas sim subjetiva do amante, é individual, e o sujeita em total martírio. Dessa forma “cantam-no com excessos, de forma

exacerbada. Talvez porque amam ou amaram em excesso, sem medida, exacerbadamente, como é próprio do seu tempo.” (ANDRÉ, 2006. Pg. 208)

É deste mal do amor que fala o poeta, explorando um lugar incerto e perigoso, o qual ele denomina Lésbia. Pelo amor ser um sentimento invisível, uma realidade imaterial, e difícil de ser representado, Catulo quando entoa os *Carmina* 5 e 7, no qual mostra referências visuais, auditivas, táteis e olfativas, fazendo uso da linguagem metafórica, recorrendo ao visível para descrever e dar sentido ao invisível e ao almejado.

Catulo é o mais antigo dos poetas latinos que celebram o amor-paixão, com uma entrega quase sem limites. Nele, o ideal de vida, poeticamente assumido, passa pelo amor, de uma forma praticamente obsessiva. O resto – os homens, a vida, o tempo – pouco valor parece ter aos seus olhos. (ANDRÉ, 2006, pg, 229)

As paixões são reveladas com vigor, com sinceridade ou realismo áspero. A espontaneidade dos *carmina* de amor e paixão de Catulo não tem igual na Literatura Latina. Aquele que ama, está ligado à uma mulher/homem, essa ligação é um vínculo criado, mas quando há traição neste vínculo, induz o poeta amar de um jeito erótico, porém na mesma medida em que ele ama menos no sentido afetivo.

No Carmen 51 vemos como Safo influencia Catulo, cujo poema é uma reformulação da ode da poetisa que já sofria da doença do amor. Porém, neste Carmen vemos um amor diferente do que trata Safo. Visto que o poeta está ligado à sua amante ao *Foedus* e está basicamente baseada nas traições de Lésbia. Contudo, tais decepções levam Catulo a rever esse acordo, o qual é estendido entre a paixão e a dor.

Podemos encontrar a síntese perfeita ou testemunho de escravidão, no famoso dístico do Carmen 85, no qual o mal do amor assume extensões de uma carga complexa de tolerar e impossível de eliminar completamente, na expressão *odi et amo* sendo um paradoxo no qual o poeta se encontra. O poeta faz uso da antítese, que o permite expressar melhor sua divergência interna, pois está à mercê da inconstante Lésbia, que o torna escravo e assim faz que ele alterne enervantemente entre sentimentos conflitantes. Picanço e Souza (2016, pg. 71) ao descrevem que quando o amor deixa de ser amor e passa a ser ódio citam André (2005, pg.37) onde afirma que:

(...) amar até aos limites do ódio; mergulhar vivo, nos mais fundos abismos da morte; olhar por dentro a luz intensa a adensar-se de trevas; clamar de tristeza e amargura em meio da eu euforia;

quando a liberdade se anuncia, sentir os grilhões da escravidão (ANDRÉ *apud* PICANÇO, SOUZA, 2016, pg. 71).

Ora, torna-se vítima de uma montanha-russa emocional, é impossível até para ele mesmo dizer o que sente, apenas se rende a tudo. Isso, é o que pode ser visto também no Carmen 99, ao qual faz menção ao jovem Juvêncio² além de conter a metáfora do amor como escravidão, faz alusão explícita à cruz e a tortura em geral. É “Nesta escravidão amorosa, a força da dependência é semelhante à que liga o escravo ao seu dono” (ANDRÉ, 2006. pg 251).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O amor, como vimos, é grande tema cantado pelo poeta Catulo, seja de forma alegre e exaltado, bem como de maneira angustiante, cheio de tormentos, decepções e enganos. A história que Catulo canta se contradizem no percurso do enlace amoroso com Lésbia, porque primeiramente é regido por esperanças e exaltações, mas que ao mesmo tempo tem noção da ideia de construção de sua mente que é bem distante de sua realidade. Lésbia não é somente um mito poético para Catulo, é uma pessoa que existiu e fez de sua vida uma embaraçosa e linda contradição.

Certamente esse relacionamento amoroso tiveram elementos sentimentais e emocionais tiveram um determinado grau de dependência do amante para com a sua amante, pois foi um experimento único na vida do poeta. Entretanto, a necessidade do desejo, quase que desenfreado por parte do amante, abre espaço para frustrações com relação à expectativa do amor, edificada na fantasia e na idealização do amante apaixonado.

Em Catulo, o amor é também e sobretudo lido no não amor. Porque é um amor manifesto no não amor, o qual é destroçado por insultos e despedidas. As contradições são conduzidas de forma inexoravelmente que levam à despedida. É um enamoramento, que aos poucos, vai sendo fechado, vai se acabando, e quando o poeta se dá conta da despedida já é tarde demais. Assim acaba criando um outro mundo, onde constrói o passado, mesmo vivendo no presente.

É um amor que beira o ódio, é um ódio confundido com amor, é a contradição, desilusão, paixão, obsessão, ciúme, ódio, amor, e não tem remédio para isso. Catulo em sua poesia faz uma tentativa abstrata de conceituar o amor. É fácil para nós leitores, que

² Jovem com quem o poeta teve um caso, um vínculo homoerótico.

somos deveras apaixonados pela Literatura Latina nos convenceremos que o grande amor e todas as suas contradições a respeito de Lésbia foi algo real, pois ele partilhou as alegrias e seus sofrimentos. Esse poeta jurou fidelidade, jurou amor por essa mulher, sem impor nenhuma condição ou limite, embora tenha passado seu tempo livre com as prostitutas, para as quais ele canta alguns de seus carminas.

Apesar de ser censurado por muitos de seus colegas escritores, como Cícero, mesmo sendo incompreendido olhou ao seu redor e viu mundo ao qual não queria e desejava pertencer. Catulo sem dúvidas é a mais pura demonstração de contradições dentro da Literatura Latina, e isso se deve ao fato de todas as suas conturbações amorosas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ANDRÉ, Carlos Ascenso. “Tanto de meu estado me acho incerto: contradições do amor, de Catulo a Ovídio”. **Revista Ágora - estudos clássicos em debate** 7 (2005) pp. 37-63.
- ___ **Caminhos do amor em Roma: sexo, amor e paixão na poesia latina do século I a.C.** Lisboa: Cotovia, 2006.
- AZEVEDO, Katia Teonia Costa de. “O homoerotismo como modelo universal de amor no poema 51 de Catulo”. **Cadmo: Revista de História Antiga** 25 (2016) pp. 57-70. Disponível em [Cadmo](#). Acesso em 12/06/2021 10:31:40
- BRAVO, Rodrigo; PIETROFORTE, Antonio V. S. “Catulo, Carmem 85 – tradução e estudo”. **Translatio** 10 (2015) pp. 97-106. Disponível em [Translatio](#) Acesso em 22/07/2021.
- CATULO. **O cancionero de Lésbia**. Trad. de Paulo Sérgio de Vasconcellos. São Paulo: Hucitec, 1991.
- ___ **Odeio e amo**. Trad. José Ferreira, Coimbra, Minerva, 2005.
- ___ **O Livro de Catulo**. Trad. João Angelo Oliva Neto. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1996.
- EVANGELISTA, Ely Raimunda Barros; GRIZOSTE, Weberson. “As contradições de Catulo”. **Caderno de Resumos da XII Semana de Letras** (2019) pp. 8-10. Disponível em [Latinitates](#). Acesso em 22/07/2021.
- GOMES, José Roberto de Paiva. “Safo de Lesbos e a homocultura”. in COSTA, Horácio *et al.* (orgs.) **Retratos do Brasil homossexual: fronteiras, subjetividades e desejos**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, Imprensa Oficial, 2010. pp. 941-946.
- NUNES, Zilma Gesser. “As mulheres de Lesbos nas mãos de Catulo”. **Encontro Internacional Fazendo Gênero V** (2002) pp. 1-9. Disponível em [páginas.ufsc](#). Acesso em 21/07/2021.
- PAIXÃO NETO, João. **Literatura Latina**. São Paulo: Editora TM, 1995.
- PARATORE, Ettore. **História da Literatura Latina**. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1983.
- PICANÇO, Elimary. SOUZA, Adriana. “A similaridade de Catulo e Propércio”. **Anais da I Semana de Estudos Clássicos do Amazonas: “cultura clássica e Gramática Ocidental & IV Encontro Nacional de Professores de Latim**. (2016) pp 68-77. Disponível em [Latinitates](#). Acesso em 22/07/2021
- POLASTRI, Bárbara Elisa. MORAIS, Cláudia P. Fidelix de. ALVES, Diogo Martins. FAUSTINO, Raquel. “Catulo: uma nota introdutória”. **Ensino, Língua e Literatura** 3 (2008) pp. 451-459. Disponível em [Unicamp](#). Acesso em 21/07/2021.
- REBELLO, Ivone da Silva. “Lésbia: a inspiração romântica de Catulo”. **Caderno do VII Congresso Nacional de Linguística e Filosofia** 7 n° 12 (2003) Disponível em [Cifefil](#). Acesso em: 29/06/2021